



O DESENHO COMO UM SABER PARA ENSINAR NO PRIMÁRIO (1925 A 1932)

DRAWING AS A KNOWLEDGE TO TEACH IN THE ELEMENTARY SCHOOL (1925 A 1932)

Débora Rodrigues Caputo¹

Maria Cristina Araújo de Oliveira²

Resumo

O presente escrito apresenta alguns resultados da pesquisa de mestrado, que teve como objetivo compreender e analisar historicamente o saber desenho no ensino primário no período de 1925 a 1932, usando-se como fonte de pesquisa o impresso pedagógico Revista do Ensino de Minas Gerais. Problematizou-se o saber desenho em relação aos conceitos de elemento e rudimento e quais as profissionalidades identificadas para o seu ensino. As noções de elemento e rudimento dizem respeito respectivamente às concepções sobre a matemática/desenho numa perspectiva propedêutica e, antagonicamente, voltada para vida prática. A profissionalidade, por sua vez, pode ser entendida como um conjunto de saberes para ensinar que são construídos com base nos saberes a ensinar. O referencial teórico-metodológico utilizado na pesquisa foi a História Cultural. Os resultados das análises indicam que por intermédio do desenho deveria se construir e fixar conceitos úteis para a vida prática numa concepção rudimentar. Além disso, ora ele era usado como uma metodologia, ora como um recurso, o que fazia dele um elemento para a prática do professor, um saber para ensinar.

Palavras-chave: desenho; Revista do Ensino; profissionalidade.

Introdução

Apresenta-se uma análise sobre o ensino de desenho no primário, proposto na Revista do Ensino de Minas Gerais entre 1925 e 1932. Questiona-se em que medida as propostas para o ensino de desenho veiculadas nesse impresso orientaram-se numa perspectiva elementar ou rudimentar; e quais profissionalidades

¹ Mestre em Educação Matemática pela Universidade Federal de Juiz De Fora, Professora da Escola Estadual Belmiro Braga, Email:dercaputo@yahoo.com.br

² Doutora em Educação (Currículo) pela PUC-SP, professora do Departamento de Matemática e do PPG em Educação Matemática da UFJF. Email: mcrisoliveira6@gmail.com

podem ser identificadas.

O recorte temporal deve-se, por um lado, à retomada da publicação da Revista em 1925, funcionando como instrumento de divulgação e formação dos professores primários relativamente às novas propostas com base no escolanovismo; por outro lado, à publicação do Decreto n. 10.392, que aprovava um programa de metodologia para as Escolas Normais.

Essa pesquisa se articula a projetos ligados ao GHEMAT – Brasil que investigam os saberes elementares matemáticos no ensino primário e consideram o desenho integrante desses saberes. Nesse sentido o trabalho realizado se insere tanto no cenário nacional, quanto nos estudos que consideram o estado de Minas Gerais como *locus*.

Valente (2016) orientado pela questão: “que trajetórias tiveram as concepções sobre os saberes matemáticos para serem ensinados nos primeiros anos escolares?” (Valente, 2016, p. 35) considera que a matemática presente nos anos iniciais se modifica ao longo do tempo de acordo com os diferentes movimentos pedagógicos. O conteúdo matemático tem diferentes finalidades em cada um deles. Assim o pesquisador caracteriza duas concepções: elementar e rudimentar. A perspectiva elementar considera os saberes matemáticos numa abordagem mais científica e racionalista. É a matemática pela matemática. A abstração é o mais importante. Nesta concepção a razão e o saber são o centro do processo de ensino e aprendizagem e visam principalmente a continuidade dos estudos. Enquanto que na perspectiva rudimentar consideram-se os saberes matemáticos numa visão mais utilitária e empirista. É a matemática para vida. Aqui a concretude é o mais importante. Nesta abordagem se privilegia a experiência e o sujeito visando à vida cotidiana.

As propostas para o ensino de desenho veiculadas pela Revista do ensino traziam parâmetros, referências para o trabalho dos professores primários. Dessa forma procurou-se identificar as profissionalidades para o ensino de desenho veiculadas nesse impresso. Segundo Oliveira (2015), a profissionalidade pode ser entendida “como a construção do saber para ensinar através do saber a ensinar” (Oliveira, 2015, p.192). Ou seja, usa-se o próprio conteúdo matemático (desenho) para problematizar e construir o “como ensinar” matemática (desenho). Os saberes para ensinar são aqueles necessários para a prática docente do professor; os saberes a ensinar podem ser entendidos como os conteúdos matemáticos.

Referencial teórico metodológico: a pesquisa em História da educação matemática na perspectiva da História Cultural

O referencial teórico metodológico utilizado tem como base a História Cultural “área que tem por objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (Chartier, 2002, p.16-17). Na perspectiva da História cultural as representações deverão ser analisadas levando-se em consideração o contexto social, político e econômico que estão inseridas.

Tomou-se de Chartier (2002) os conceitos de representação, apropriação e prática. Os vestígios do passado, as leis, os programas de ensino, os impressos

pedagógicos, etc, nada mais são que representações que os sujeitos, individualmente ou coletivamente, produziram a partir de apropriações que se revelaram em suas práticas, é um discurso construído a partir da realidade.

As apropriações podem se mostrar em diferentes perspectivas: estratégias e táticas, conceitos de Certeau (2012). As estratégias estão ligadas às apropriações feitas pelo sujeito detentor do poder, o Estado, as normas de ensino, etc. Já as táticas se referem aos sujeitos desprovidos do mesmo, os professores, alunos, etc.

Apropriamos-nos das ideias transformadoras de Bloch (2002) que trouxe outro modo de se entender a história. Para ele a mesma é resultado do ofício do historiador. As fontes de pesquisa são apenas vestígios do passado e não a história em si, mas é a partir delas que se produz a história. A partir dessas representações o trabalho do historiador é construir um discurso em forma de narrativa sobre essa realidade representada. A história é produzida pelo ofício do historiador no trabalho com as fontes que são um testemunho, sendo assim, estão sujeitas à crítica, cabendo ao historiador “fazê-las falar” resultando assim na produção histórica. A história é uma produção de uma representação do passado em forma de narrativa. Tal narrativa é limitada, visto que a realidade é incognoscível, não podemos conhecê-la em sua totalidade.

Além disso, baseado em Julia (2001) considera-se que a escola tem uma cultura própria e que está relacionada com outras culturas: religiosas, políticas e popular. “A cultura escolar é descrita como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (Julia, 2001, p. 9). Portanto a disciplina desenho, considerada como um saber a ensinar compõe a cultura escolar. Devemos considerar que as disciplinas foram construídas dentro de um contexto que é próprio da vida escolar e que foram pensadas com finalidades diferentes ao longo do tempo. Sendo assim o ensino de desenho pode ser interpretado como um objeto histórico.

Tomou-se ainda de Chervel (1990) a perspectiva de que pedagogia e ciência são partes de uma mesma engrenagem, uma não se sobrepõe a outra. A disciplina não se resume aos conteúdos, não é somente aquilo que se ensina. Assim, considerou-se que o saber desenho foi construído pela escola ao longo do tempo inserida na cultura escolar e no diálogo com outras culturas.

A Revista do Ensino de Minas Gerais e as vagas pedagógicas: Método Intuitivo e Escola Nova

O impresso pedagógico Revista do Ensino, foi uma publicação oficial de educação da Inspeção Geral da Instrução do Estado de Minas Gerais, direcionado aos professores, diretores e técnicos da rede pública de ensino do estado. Foi criada em 1892, por Afonso Pena, Presidente de Minas Gerais, através da lei nº 41, de 3 de agosto. Foi desativada voltando a circular em 1925 e depois interrompida entre os anos de 1940-1946 devido à Segunda Guerra Mundial, voltando a circular até 1971. (Biccas, 2008).

Nos anos 1920, Minas Gerais era visto como um estado atrasado em comparação aos outros estados brasileiros. Na intenção de acompanhar o

crescimento dos outros estados, no que diz respeito à modernização, Fernando de Mello Vianna, que assumiu o governo em 1924, adota como uma das estratégias a prioridade à instrução primária na tentativa de diminuição do analfabetismo visto como um dos males da sociedade. Nessa estratégia realizou uma grande reforma na instrução pública criando o Regulamento das Escolas Normais, regulamentando e ampliando o número de escolas. Nesse contexto a Revista do Ensino ressurgiu em março de 1925 (Biccas, 2008).

A revista agora passa a ter cunho pedagógico, disseminando ações do estado referentes à educação, e principalmente informando e formando professores de acordo com os preceitos pedagógicos do governo. Os autores dos textos publicados eram em sua maioria, professores mineiros que através dos artigos ensinavam outros professores a planejarem suas aulas que, por se tratar de artigos publicados em um impresso oficial, eram modelados baseados nas reformas educacionais que se queria implementar.

Ainda na busca pela modernização e erradicação do analfabetismo desencadeia-se uma nova reforma em Minas Gerais, conduzida por Francisco Campos, em 1927. Implementando outra orientação pedagógica é colocada em voga, a Escola Nova, com bases na Psicologia e na Biologia. Agora se indicava uma atenção maior à criança, seus interesses passariam a ditar a organização escolar, sua experiência passou a ser considerada primordial dentro do processo de ensino e aprendizagem. A escola deveria desenvolver o espírito crítico e a atitude criadora. A criança passava a ser o centro do processo de ensino. Defendia-se uma aproximação da escola com a vida, e isso significava dar possibilidades para uma transformação social (Carvalho, 2012).

No período investigado – 1925 a 1932 – dois modelos pedagógicos dominaram as propostas para o ensino de desenho publicadas na Revista do Ensino: o método intuitivo e o escolanovismo.

O chamado Método Intuitivo tem suas raízes nas ideias empiristas do pedagogo suíço Pestalozzi. Para ele o ensino deveria partir do simples para o complexo, do concreto para o abstrato. Ele propunha que o ensino se baseasse na observação e destacava a importância dos sentidos (visão, tato, olfato) que permitiriam a atividade mental de maneira intuitiva chegando-se à abstração num processo de aprender fazendo.

O saber desenho: elementar ou rudimentar?

Em 1925 encontramos artigos que nos permitiram identificar a finalidade profissional dada ao ensino de desenho. O primeiro deles ligava o ensino de desenho à formação de trabalhadores, ao ofício dos artesãos. O desenho ficava subordinado à formação profissional. Intitulado: “Ensino primário profissional: devem existir ligações entre o ensino profissional e o ensino primário propriamente dito? Quaes?”, foi escrito por Carlos Goés (Revista do Ensino, Anno I, nº 1, mar, MG, 1925, p. 4-6).

O artigo colocava em questão a relação entre o ensino primário profissional³

³ Segundo o artigo, o ensino primário profissional era aquele considerado meramente manual, desenvolvido nas escolas de aprendizes artífices, institutos profissionais, escolas agrícolas, etc. Já o ensino primário (correspondente aos anos iniciais) propriamente dito desenvolvia o ensino

e o ensino primário propriamente dito. O autor justifica que os dois ramos da atividade humana, as artes liberais e as artes mecânicas, não podiam ser dissociados, e o trabalho manual, “que deve estar ligado intrinsecamente ao ensino de desenho” (Goés, 1925, p. 5), era um saber fundamental para unir essas duas atividades. Sendo assim, o ensino de desenho teria um papel importante para relacionar os dois tipos de ensino. O ensino primário propriamente dito não deveria ter finalidade exclusivamente profissional, mas uma iniciação às artes mecânicas ocorreria por meio do desenho. O desenho seria a ligação entre o ensino primário propriamente dito e o ensino profissional.

A finalidade profissional dada ao ensino de desenho pode ser entendida como herança do Método Intuitivo prescrito nos pareceres de Rui Barbosa, que relaciona o ensino de desenho à formação de trabalhadores assim como concluem Guimarães e Valente (2016).

Os autores acima buscam identificar nas revistas pedagógicas do estado do Rio de Janeiro e São Paulo (1891-1920) um modelo comum para o ensino de desenho, e em que medida esse modelo segue os pareceres de Rui Barbosa. Na edição carioca discute-se que as indústrias não viam mais a importância do desenho apenas vinculado à arte, mas como importante cultivador das faculdades mentais e poderoso incentivador do trabalho, e “consequentemente fonte de riqueza para o estado” (Guimarães; Valente, 2016, p. 113). Os artigos das revistas paulistas prescreviam tomar o ensino de desenho por seu caráter utilitário, educando as vistas sem pretensão de formar artistas. Ele seria um preparo indispensável a qualquer ofício, responsável por desenvolver intelectualmente os indivíduos, contribuindo para a formação de melhores operários.

Guimarães e Valente (2016) concluem que pelo fato dos artigos das revistas defenderem o ensino de desenho de cópia, de invenção, de imitação e a sua relação com a formação de profissionais a partir do treino das mãos há “...fortes indícios de características herdeiras do padrão defendido por Rui Barbosa em seu famoso Parecer”(Guimarães; Valente, 2016, p. 118). O desenho então também tinha finalidade profissional assim como o artigo analisado de 1925 da Revista do Ensino do estado de Minas.

Outro artigo que demonstra a finalidade profissional dada ao ensino de desenho foi encontrado na Revista de número 4, de 1925. Sob o título “O estudo do desenho e a cultura dos sentimentos estheticos”, o autor, Prof. Anibal Mattos, revela no final que o artigo era uma introdução à obra: O estudo do desenho (Revista do Ensino, Anno I, nº 4, jun, MG, 1925, p. 83).

O artigo defende que a educação do sentimento artístico favoreceria a produção industrial. O autor cita exemplos de como o avanço do domínio da técnica do desenho e do senso estético favorecia a indústria. O desenho teria o papel de educar o senso estético, o que propiciaria produtos industriais de melhor qualidade, já que haveria uma relação entre o domínio das artes e a excelência em produtos industriais. O desenho é relacionado à arte e ao bom gosto, mas no sentido de educar o senso estético do aluno, suas aptidões para servir ao ofício de artesão, ou seja, com fim industrial.

profissional, porém numa perspectiva para além da mera manualidade (me falta a palavra) pois visava educar os sentidos, encaminhar a capacidade motora.

Com o passar dos anos a subordinação do saber desenho à formação profissional deixa de ser enfatizada nos artigos da Revista, sendo retomada somente em dois artigos publicados em 1930. O primeiro, na Revista de número 42, defendia que o desenho era importante por educar para vida profissional. O outro, na revista de número 46, relacionava a função da escola, através dos trabalhos manuais, que incluía o desenho, na formação de um “cidadão prestante e profissional” (Revista do Ensino, Ano V, nº46, jun., MG, 1930, p. 72).

O desenho como um saber útil para a vida cotidiana aparece desde 1925 em artigos que discutiam o papel desse saber na confecção de objetos de decoração, de moldes de vestuário e de plantas de casa. Um dos artigos foi encontrado na Revista de número 3, do ano de 1925, intitulado “Estudo do Japão usando o methodo ‘projecto’ – (adaptação de uma lição publicada em ‘Primary Education’⁴)”, sem indicação de autor (Revista do Ensino, Anno I, nº 3, mai, MG, 1925, p. 62).

O artigo apresenta uma aula modelo usando o método de ensino “projeto”, que consiste em ensinar todas as disciplinas simultaneamente, conforme é explicado na própria Revista em um artigo anterior. Parece aqui o início da chegada dos “centros de interesses⁵”, referência da Escola Nova. Na aula de desenho indicava-se que se solicitasse aos alunos o desenho das roupas japonesas, que depois seria usado na aula de trabalhos manuais para a confecção das mesmas. A cultura japonesa seria o tema das diferentes matérias.

A partir de 1926 o desenho passa a ser visto como forma de expressão. A partir desse ano os artigos se alternam quanto à perspectiva rudimentar, ora tratando somente da expressão, ora somente do caráter utilitário, e ora de ambos.

Encontramos na Revista de número 18, do ano de 1926, o artigo “O desenho no terceiro anno” , com subtítulo “O desenho no curso primário é um poderoso elemento para desenvolver a observação, a inteligência e o bom gosto”, de autoria de Emilia Truran⁶, professora da Escola Normal Modelo, em Belo Horizonte (Revista do Ensino, Anno II, nº18, out, MG, 1926, p.362-363).

Constam no artigo dois modelos de aula de desenho para o terceiro ano. Em um deles a professora apresentava aos alunos um ramo de café e solicitava o desenho do mesmo. Na próxima aula a professora solicitava uma barra decorativa com este desenho, que poderia servir ao trabalho manual, para decorar a casa e o caderno (figura 1).

⁴ Segundo Bicas (2018) trata-se de uma revista Americana.

⁵ No método do “centro de interesse” é concebido um plano de trabalho coletivo com um tema de interesse dos alunos no qual todos os estudos, dentro de todas as disciplinas, são trabalhados. Esse plano é realizado através de excursões, pesquisas, trabalho em grupo, visitas, etc. Os estudos são realizados por meio da associação, explorando-se o “centro de interesse”, extraindo-se dos temas seus aspectos científicos, econômicos, geográficos, literários, matemáticos etc.

⁶ Segundo Neiva (2016) Emilia Truran lecionou geometria e desenho no ensino primário de Belo Horizonte e participou como membro efetivo do 1º congresso de instrução primária.

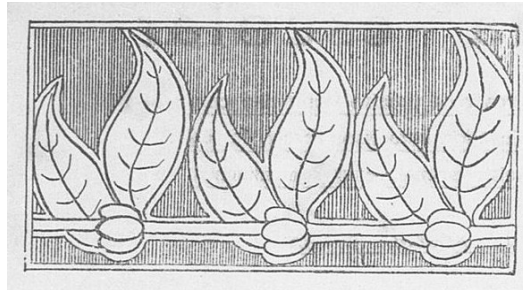


Figura 1: barra decorativa

Fonte: Revista do Ensino, Anno II, nº18, out, MG, 1926, p.363

O trabalho com barras decorativas também foi observado na França com função pedagógica, segundo D'Enfert (2017)⁷. Era solicitado aos alunos que finalizassem os trabalhos antes dos demais a confecção das barras decorativas a fim de que não ficassem desocupados.

Aqui poderia trazer a expressão como uma das “etapas” (não sei se é essa a melhor palavra) do centro de interesse.

O artigo “Do caderno de preparação das lições para o primeiro ano” e subtítulo “Centro de interesse: a alimentação - Assumpto da semana: a laranja”, escrito por Maria da Gloria Barros, professora da classe Decroly, do grupo escolar Pedro II relaciona o desenho com a expressão (Revista do Ensino, Ano IV, nº 27, nov., MG, 1928, p. 88-93). Pedia-se que a criança desenhasse uma laranja, uma meia laranja, uma penca⁸ de laranjas, todas cópias do natural. Não era indicada a correção por parte da professora, e não se buscava a exatidão dos traços, revelando que o desenho estivesse ligado à criatividade, a uma forma de expressão da criança, algo presente nas ideias escolanovistas.

A análise dos artigos levou-nos a concluir que a concepção para o ensino de desenho no período investigado era a de rudimento. Ou seja, considerava-se o saber desenho numa visão mais utilitária e empirista, na qual a concretude era o mais importante, e se privilegiava a experiência e o sujeito. Percebeu-se no processo de análise a existência de três finalidades relacionadas à perspectiva rudimentar para o ensino de desenho: formação profissional, caráter utilitário para a vida cotidiana e forma de expressão.

As profissões para o ensino de desenho: uma metodologia ou um recurso?

Constatamos que o desenho ora era usado como metodologia, ora como um recurso. Entendemos, assim como Valente (2013a), que o saber desenho era usado como um recurso pedagógico quando por meio dele se fixava um conteúdo. Diferentemente, quando era usado como metodologia por meio dele se construíam

⁷ Essa relação foi explicitada na palestra proferida no Mestrado Profissional em Educação Matemática da UFJF no ano de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F8mu_qwLOGI>

⁸ Algumas laranjas colhidas juntamente com o galho.

novos conceitos. Identificamos a intenção da construção de conceitos matemáticos como proporção, simetria, perspectiva, medida, semelhança em alguns dos artigos da Revista. De outra parte, o desenho também era tratado como uma forma de expressão no sentido de exprimir e concretizar o aprendido, logo um recurso. Além disso, inferimos que o desenho também era usado no aprendizado de outras disciplinas e para aprimorar o bom gosto. Todas essas identificações foram interpretadas como profissionalidades decorrentes.

Um dos artigos, de autoria de Emilia Truran, que indicava o uso do desenho como metodologia foi encontrado na Revista de número 18, em 1926.. Constam no artigo modelos de aula de desenho para o terceiro ano. Um deles, sob o título “Observação visual”, solicitava que as crianças medissem com um lápis as dimensões (comprimento e largura) de formas; por meio da semelhança, produziram uma representação da forma original. O artigo detalha esse processo (figura 2):

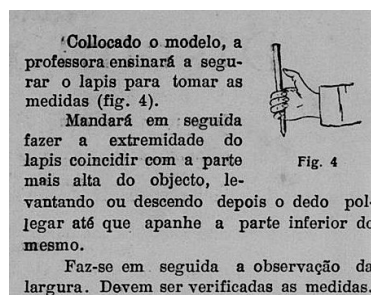


Figura 2: processo de medir com lápis

Fonte: Revista do Ensino, Anno II, nº18, out, MG, 1926, p.363

Trabalhavam-se também as curvas e a linha do horizonte, e indicava-se o desenho de imaginação (figura 3 e 4):

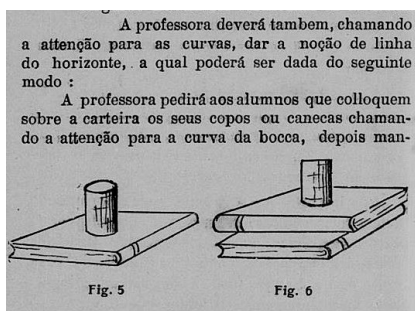


Figura 3: processo de ensino das curvas

Fonte: Revista do Ensino, Anno II, nº18, out, MG, 1926, p.363

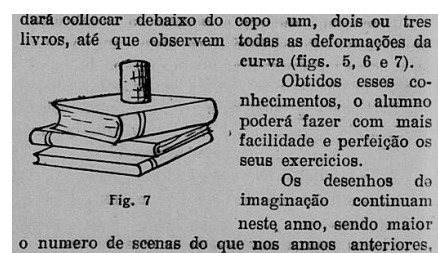


Figura 4: processo de ensino das curvas

Neste artigo era prescrita para o ensino de desenho a utilização da observação a fim de se representar graficamente, mobilizando noções de medidas, proporcionalidade, simetrias e perspectiva.

Foi possível compreender o desenho como forma de o aluno expressar a abstração, ou seja, sintetizar o que foi aprendido por meio do desenho. Tal conjectura sobre o desenho se deu na empiria com as fontes. Primeiramente inferimos que o desenho era uma maneira de exprimir o que se pensava.

Posteriormente concluímos também que o desenho dava sentido ao ensino através da concretude, ele concretizava o aprendizado. E por fim que o desenho servia para sintetizar a lição aprendida. Ou seja, o desenho era um recurso para o aprendizado, pois através dele o aluno fixava um conteúdo já aprendido ; e ainda possibilitava ao professor a avaliação dos conceitos trabalhados.

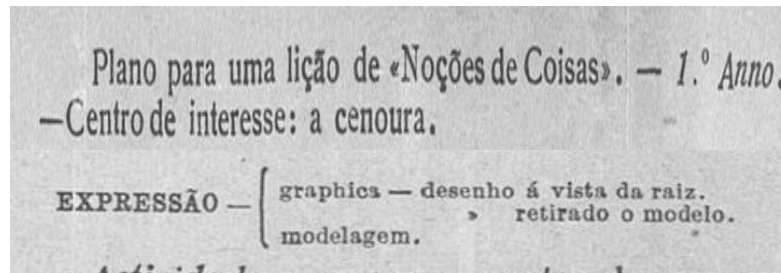


Figura 5: recorte modelo de aula utilizando centro de interesse
Revista do Ensino, Anno IV, nº29, jan, MG, 1929, p.64

O centro de interesse, criado por Decroly, era uma metodologia de ensino na Escola Nova, o desenho que vinha associado à expressão era visto como um de seus recursos por ser considerado uma forma do aluno se expressar, no sentido de expressar o aprendizado, tornando-o concreto (figura 5).

Além desta relação com a concretude, observamos também que o desenho era usado como uma representação do material concreto.

Na revista de número 78, de 1932, encontramos na seção “Nossa experiencia” o artigo intitulado “Uma aula de objetivação comparada”, de autoria de Hely Nogueira (Revista do Ensino, Ano VI, nº 78, dez, MG, 1932, p. 52-55). Segundo a autora, o educando e o objeto deveriam ser colocados em contato para a efetivação do ensino-aprendizagem. Na impossibilidade de apresentar aos alunos o próprio objeto a ser estudado, o professor deveria tomar objetos naturais análogos. Era apresentada uma escala de objetivação decrescente na qual o objeto a ser estudado iria perdendo suas qualidades do ponto de vista pedagógico: 1- o próprio objeto; 2-objetos naturais análogos (objetivação comparada); 3-modelos artificiais, manequins, etc.; 4-representação gráfica e projeções luminosas (desenhos, figuras, etc.). Podemos inferir que o desenho era usado como uma ferramenta para dar concretude à abstração. O desenho era utilizado no aprendizado de outras disciplinas como uma representação do material concreto.

O desenho também aparece como uma metodologia para outras disciplinas, por exemplo, no artigo “Escrepta”, de autoria de Milles Berger Et Truillet, professora da Escola Maternal de Paris (Revista do Ensino, Anno IV, nº30, fev, MG, 1929, p.55-57). O artigo apresenta diretrizes para o ensino da escrita, com exercícios de iniciação que trabalhavam o tato e o estímulo muscular por meio de jogos. O desenho aparecia diretamente relacionado à escrita no sentido que a autora o coloca como uma ferramenta de preparação para a mesma. Ele era usado para treinar o sentido do tato, um traço do Método Intuitivo. A presença do desenho no ensino de outras disciplinas revela a importância dada a ele naquele período.

O desenho também apareceu relacionado à formação do senso estético, do gosto pelo belo. Mostrou-se como uma metodologia para a construção do conceito

de “belo”. Estimular o bom gosto através do desenho também se mostrou como uma das profissões.

Alguns artigos trataram dessa metodologia com perspectiva rudimentar, dando a ela finalidade profissional, como o artigo encontrado na Revista de número 4, do ano de 1925, de autoria de Mattos. O desenho tinha papel de educar o senso estético visando produtos industriais de melhor qualidade. Ele era relacionado à arte e ao bom gosto, porém essa “arte” relacionava-se ao ofício de artesão. A arte que o artigo menciona se relacionava a padrões e modelos dos produtos industriais.

Os testes escolares são característicos da Escola Nova, a partir de estudos psicológicos; estiveram presentes nas Revistas desde 1925. Eles eram aplicados para se conhecer melhor o grau de inteligência dos alunos, assim como o seu desenvolvimento mental durante a vida escolar, auxiliando na composição de classes formadas de acordo com a capacidade de cada um (homogeneização). Alguns desses testes utilizavam o desenho.

Considerações

A relação entre o ensino de desenho e o de geometria nos artigos analisados se enfraquece com o passar dos anos e se configurou fazendo da geometria uma ferramenta para o ensino de desenho. Há uma grande diferença entre a quantidade de artigos encontrados sobre o saber desenho no ano de 1929 e nos demais anos, inferimos que tal incidência decorreu da intenção de difundir as prescrições da reforma de 1927. O período pesquisado correspondeu à mudança de direção sobre o processo de ensino e aprendizagem, do Método Intuitivo à Escola Nova.

O saber desenho se mostrou exclusivamente como rudimentos, assim entendido pelo seu caráter prático-utilitário numa visão mais empirista, na qual se privilegiava a experiência e o sujeito privilegiando a concretude em lugar da abstração. Percebeu-se relacionada à perspectiva rudimentar a existência de três finalidades para o ensino do mesmo: formação profissional, caráter utilitário para a vida cotidiana e forma de expressão. Nos artigos que nos permitiram inferir que o saber desenho ficava subordinado à formação profissional percebemos uma ligação do mesmo com o trabalho mecânico, com a arte e com o “bom gosto”.

O desenho era colocado como primeiro passo para se trabalhar as aptidões mecânicas que tinha como último estágio o trabalho industrial. A ligação do desenho com a arte e o “bom gosto” visava o ofício dos artesãos, ou seja, desenvolver e aprimorar padrões visando a qualidade nos produtos industriais.

Na relação do desenho com a expressão presente no método do centro de interesse foi possível compreender, após a problematização de alguns artigos, o desenho como forma do aluno expressar a abstração. Ou seja, sintetizar o que foi aprendido por meio do desenho, concretizar a abstração. Assim, mesmo sendo uma expressão do aluno, o desenho deveria ser uma representação real do que se estava observando, não cabendo dentro desta perspectiva usar o desenho como forma de expressão artisticamente, como criação inventiva. Ainda assim, ao que tudo indica, o ensino de desenho foi abrindo espaço para a expressão e a criatividade do aluno, porém era uma expressão direcionada ao aprendizado, se distanciando do sentido artístico envolvendo a criação e a invenção.

A palavra expressão encontrada nos artigos, assim como a relação do

desenho com a arte, causou durante a pesquisa muitas problematizações. Na análise de alguns vocábulos podemos concluir, assim como Bloch (2002) nos alerta, que eles assumem diferentes significados em diferentes épocas. Buscar compreendê-los foi um dos desafios da pesquisa.

Quanto às profissões essas foram se modificando ano a ano. No início de nossa análise a construção dos saberes matemáticos se fez presente juntamente com a construção do conceito de belo. Este último desaparece dando lugar à expressão do aprendizado e retorna apenas em 1930, enquanto essa nova profissão passou a se fazer presente em todos os anos. Outras profissões surgem como a materialização do aprendizado, a construção de conceitos referentes a outras disciplinas e a medição da inteligência.

Ao que tudo indica essas modificações estão relacionadas às finalidades do saber desenho na relação com os modelos pedagógicos. As primeiras profissões identificadas se relacionam mais com o método intuitivo que tinha finalidade profissional, pois a construção do conceito do belo remetia ao ofício do artesão. Já as profissões que foram surgindo após os dois primeiros anos analisados, a partir de 1927, parecem estar mais ligadas ao modelo pedagógico da Escola Nova evidenciando assim a mudança de direção em relação ao ensino e a aprendizagem.

O desenho era usado como uma metodologia e um recurso, e ambos remetem às práticas pedagógicas do professor, que relaciona os componentes envolvidos na sua ação didática, os saberes a ensinar e os saberes para ensinar, visando o processo de ensino e aprendizagem. Essas perspectivas de uso didático do desenho são compreendidas como profissões.

Os artigos que envolviam o saber desenho foram encontrados principalmente nas seções da Revista que se remetiam ao professor como *A voz da prática*, *Os nossos concursos*, *Centro pedagógico Decroly* e *Daqui e dali*, criadas estrategicamente para divulgação e apropriação dos preceitos da reforma de 1927 com objetivo de orientar, explicitar as boas práticas (Biccas, 2008).

Podemos inferir pelo caráter de metodologia e de recurso dado ao desenho e também por encontrá-los nas seções que se referiam às práticas profissionais, que o desenho era considerado um saber para ensinar, ou seja, a profissão prescrita era de utilizar o desenho no processo de ensino de todas as disciplinas. Isso explicaria tantos artigos que tratam o saber desenho em 1929, pois ele era uma profissão prescrita na reforma de 1927.

O desenho teve papel importante dentro do novo modelo que se buscou implantar a partir da reforma. Ele teve destaque nos chamados testes escolares, influenciados pelos avanços na área da Psicologia, serviam para medir a inteligência com o objetivo de se formar classes homogêneas, prática característica do modelo escolanovista, mas utilizada desde 1906 como constatou Magalhães (2017) em sua pesquisa.

Outra função do desenho era a de materializar o aprendizado. No período pesquisado há uma valorização do contato do aluno com o objeto a ser estudado, e, na impossibilidade da presença do mesmo, o desenho fazia o seu papel.

Concluimos que por intermédio do desenho construíam-se e fixavam-se conceitos úteis para a vida prática numa concepção rudimentar. Além disso, ora ele

era usado como uma metodologia, ora como um recurso o que fez dele um elemento para a prática do professor, um saber para ensinar.

Referências

- BICCAS, M. S. (2008). O impresso como estratégia de formação: *Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940)*. Belo Horizonte: Argumentvm.
- BLOCH, M. L. B. (2002). *Apologia da história, ou, O ofício de historiador*. Tradução: André Telles, Rio de Janeiro. Editora Zahar.
- CHERVEL, A. (1990). História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: *Teoria & Educação*, Porto Alegre, no 2, p. 177-229.
- CHARTIER, R. (2002). *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A.
- CARVALHO, C. H. (2012). Escola nova, educação e democracia: o projeto Francisco Campos para a escola em Minas Gerais. *Acta Scientiarum. Education (Online)*, v. 34, p. 187-198.
- DE CERTEAU, M. (2012). *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Tradução: Ephraim Ferreira Alves, 19. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- GUIMARÃES, M. D. ; VALENTE, W. R. (2016). Entre o Parecer de Rui Barbosa e as revistas pedagógicas cariocas e paulistas (1891-1920): um modelo comum para o ensino do Desenho?. *HISTEMAT - Revista de História da Educação Matemática* , v. 2, p. 106-121.
- JULIA, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, SP. SBHE/Editora Autores Associados. Jan/jun. no. 1.
- MINAS GERAIS, *Revista do Ensino*. (1925). nº 1, ano I, março. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol1_n1_1925.pdf Acesso em: 9 de set. 2016.
- MINAS GERAIS, *Revista do Ensino*, nº 3, ano I de maio de 1925. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol1_n3_1925.pdf Acesso em: 9 de set. 2016.
- MINAS GERAIS, *Revista do Ensino*, nº4, ano I de jun de 1925. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol1_n4_1925.pdf> Acesso em: 9 de set. 2016.
- MINAS GERAIS, *Revista do Ensino*, nº18, ano II de out de 1926. Disponível em http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol2_n18_1926.pdf> Acesso em: 8 de out. 2016.

- MINAS GERAIS, Revista do Ensino, nº 27, ano IV de novembro de 1928. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/134330>> Acesso em: 5 de ago. 2016
- MINAS GERAIS, Revista do Ensino, nº29, ano IV de jan de 1929. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol4_n29_1929.pdf> Acesso em: 10 de dez. 2016.
- MINAS GERAIS, Revista do Ensino, nº30, ano IV de fev de 1929. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol4_n30_1929.pdf> Acesso em: 10 de dez. 2016.
- MINAS GERAIS, Revista do Ensino, nº46, ano V de jun de 1930. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol5_n46_1930.pdf> Acesso em: 15 de dez. 2016.
- MINAS GERAIS, Revista do Ensino, nº78, ano VI de dez de 1932. Disponível em <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/uploads/arquivos/revista_do_ensino_vol6_n78_1932.pdf> Acesso em: 10 de abr. 2017.
- NEIVA, I. K. A. O ensino do desenho na escola normal de Belo Horizonte (1906-1946). 2016. 273 f. Tese (Doutorado em Educação)– Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2016. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-AA2JFY/o_ensino_do_desenho_na_escola_normal_de_belo_horizonte_1906_1946_.pdf?sequence=1> Acessado em: 17 de ago. 2017.
- OLIVEIRA, M. C. A. (2015). PROFISSIONALIDADE PARA O ENSINO DE GEOMETRIA: um estudo a partir da legislação. Revista de História da Educação Matemática, v. 1, p. 189-202.
- VALENTE, W. R. (2013.a) O lugar da matemática escolar na licenciatura em matemática. Bolema, Rio Claro, v. 27, n. 47, p. 939-953, dez.
- VALENTE, W. R. (2013). Oito temas sobre História da Educação Matemática. REMATEC. Revista de Matemática, Ensino e Cultura (UFRN), v. 8, p. 22-50.
- VALENTE, W. R. (2016). A matemática nos primeiros anos escolares: Elementos ou rudimentos. Hist. Educ. [online], vol.20, n.49, pp.33-47.